

Jornalismo como profissão de defesa do interesse público em narrativas de jornalistas e historiadores.¹

Alice Mitika KOSHIYAMA²

Universidade de São Paulo (ECA-USP) – São Paulo - SP

Resumo

Ao ouvirmos pessoas pedindo a volta da ditadura no Brasil, vimos que é preciso entrar na disputa pela memória de um mundo marcado pelo medo e pelas arbitrariedades. E que o jornalismo é um trabalho que interage com a história do desenvolvimento da sociedade e da participação dos seres humanos nesse processo. Destacamos Phillip Knightley (1978), Luis Cláudio Cunha (2011), Eliane Brum (2014), Soledad Gallego-Dias (2012), Millôr Fernandes & Mário Magalhães (2015), Jânio de Freitas (2014), Aloysio Biondi (1999), Gabriel Garcia Márquez (1996), Beatriz Kushnir (2015). E Victor Gentili (2005) que analisa a importância do direito à informação para todos enquanto sujeitos de direitos de cidadania -- direitos humanos, direitos civis, direitos políticos, direitos sociais – na proposição do jornalismo como um instrumento de uma democracia de massas.

Palavras-chave

história do jornalismo; teoria e prática do jornalismo; ditaduras no Brasil; jornalistas e direitos de cidadania; indústria da informação.

Corpo do trabalho

1. Introdução

Aos que defendem a volta da ditadura

Eles eram 400 nas ruas de São Paulo, no primeiro sábado de dezembro, pedindo intervenção militar. Quatrocentos não é pouco. Um é muito

Quando escuto brasileiros fazendo [manifestação pela volta da ditadura](#), penso que eles não podem saber o que estão dizendo. Quem sabe, não diz. Mas esse primeiro pensamento é uma mistura de arrogância e de ingenuidade. O mais provável é que uma parte significativa desses homens e mulheres que têm se manifestado nas ruas desde o final das eleições, orgulhosos de sua falta de pudor, peçam a volta

¹ Trabalho apresentado no GT – História da Mídia Impressa no XI Encontro Nacional da História da Mídia

² Livre-docente em Jornalismo, professora de graduação em Jornalismo e pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA USP. E-mail: almitika@gmail.com

ISSN 2175-6945

dos militares ao poder exatamente porque sabem o que dizem. Mas talvez seja preciso manter não a arrogância, mas a ingenuidade de acreditar que não sabem, porque quem sabe não diria, não poderia dizer. Não seria capaz, não ousaria. É para estes, os que desconhecem o seu dizer, estes, que talvez nem existam, que amplio aqui a voz das crianças torturadas, de várias maneiras, pela ditadura. (BRUM, 2014).

Perguntamos: crianças torturadas? Sim. A narrativa de Eliane Brum, de 8 de dezembro de 2014, é parte da dor dos que viveram na ditadura, sobreviventes com seqüelas no corpo e na mente. De mães e seus filhos e filhas sob opressão, de mulheres que abortaram sob tortura física, vidas narradas no livro *Infância roubada – crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil*. Percebemos a importância do jornalismo das memórias do tempo recente.

1. Perspectivas da história do jornalismo

A escrita da história do jornalismo abrange múltiplas cronologias e interpretações e todas elas nos ajudam a compreender o tempo presente. Das suas diferentes interpretações, algumas a situam cronologicamente na Idade Antiga. E modernamente, vemos o jornalismo impresso datado no capitalismo mercantil, com os tipos móveis idealizados por Guttenberg. Também observamos as interpretações que relacionam o jornalismo como empresa econômica e social do capitalismo; como o fazem Edwin Emery (1966), Nelson Werneck Sodré (1996), Claude Béllanger et al (5 vol., s/data). Essas obras apresentam a relação do jornalismo com a história do desenvolvimento capitalista e mostram como as mudanças na tecnologia foram sempre incorporadas pelo jornalismo na organização do trabalho de jornalistas e na administração das empresas jornalísticas.

No início, atividades jornalísticas eram pequenos negócios artesanais tocados por um único indivíduo. Atualmente, o jornalismo é exercido em múltiplos veículos, e temos a incorporação de tecnologias na produção e na distribuição dos meios elaborados em diferentes suportes. E também, do ponto de vista de quem lê, hoje é possível ler EL PAÍS na internet, salvar suas matérias no computador, enviar para os amigos pela rede, compartilhar o texto no *facebook*, imprimir o texto em papel para distribuir a leitores que não dispõem de computadores.

Há também inúmeros trabalhos de jornalistas preocupados em registrar diferentes momentos das práticas profissionais, o que é uma tendência que podemos classificar como memórias, que contribuem para a escrita da história do tempo presente do jornalismo.

ISSN 2175-6945

Destacamos o estudo do jornalista australiano falecido em dezembro de 2016, Phillip Knightley, *A Primeira Vítima* (1978). A pesquisa sobre o jornalismo dos correspondentes de guerra nos eventos notáveis da história desde a segunda metade do século XIX, mereceu o reconhecimento dos leitores, pela qualidade da pesquisa, pelo cuidado na interpretação, pela visão da ética no trabalho seja dos historiadores seja dos jornalistas que atuam no campo. Ricardo A. Setti, jornalista que atuou em várias publicações da Editora Abril, no texto do seu blog na *Veja online*, publicado em 15 de novembro de 2010, observou:

Boas histórias, bastidores e opinião independente. Guerra, traições, mentiras, coragem, heroísmo. Um livro espetacular, que você não pode deixar de ler. É um dos melhores livros que já li — sobre jornalismo, sobre a guerra, sobre História, sobre a condição humana. É um livro escrito em 1975 e lançado no Brasil em 1978. Mas você encontra facilmente pela Web.

Trata-se de um livro demolidor de mitos. Alguém ainda acredita que o correspondente de guerra seja, como nos filmes antigos de Hollywood, um galante bonitão, que dedilha, seu teclado no front, imperturbável, enquanto balas silvam sobre sua cabeça?(SETTI, 2010)

No relato de Knightley (1978) acompanhamos jornalistas do século XIX e XX em narrativas pulsantes de vida, lágrimas, suor, sangue, decepções, vitórias, derrotas. Outras edições atualizadas pelo autor, não tiveram traduções para o português. Vemos como o que chamamos de jornalistas é um complexo e diversificado grupo de seres humanos com valores e objetivos nem sempre unívocos ou convergentes, como nós observamos em outros campos de atuação humana.

Também percebemos como narrativas de jornalistas são fundamentais para a compreensão do que é jornalismo. Por isso, estão neste trabalho depoimentos desses profissionais.

2. Perguntas na história e no jornalismo

O incansável jornalista Luís Cláudio Cunha, ao receber seu título de doutor *honoris causa* pela UNB (Universidade de Brasília), em 2011, mostrou a relação do desenvolvimento da história da humanidade com os princípios do pensamento científico. E como o exercício da profissão de jornalista deve seguir esses princípios:

O jornalismo é a atividade humana que depende essencialmente da pergunta, não da resposta. O bom jornalismo se faz e se constrói com boas perguntas. O jornalismo de excelência se faz com excelentes perguntas.

ISSN 2175-6945

A pergunta desafia, provoca, instiga, ilumina a inteligência, alimenta o pensamento. Ao longo de milênios, o homem evoluiu seguindo a linha tortuosa de suas dúvidas, das perguntas que produziam respostas, das respostas insatisfatórias que geravam novas questões, que provocavam mais incertezas, mais perguntas.

Perguntando, o homem saiu da caverna, cresceu, evoluiu e se definiu como ser pensante. O homem se agrupou em tribos, criou hábitos, estabeleceu regras de convívio, preservou a espécie, expandiu habilidades, depurou a fala, criou a escrita, disseminou experiências, inventou ferramentas, desenvolveu recursos, ganhou qualidade de vida, garantiu o alimento para o corpo e para o espírito. Um processo civilizatório irrefreável sempre escoltado por perguntas, outras perguntas, mais perguntas. (CUNHA, 2011, p. 1)

Cunha registra a dívida do jornalismo brasileiro em relação a descoberta de nossa história recente. Registramos seu texto de 2011 porque revelam uma pauta que derruba o imaginário dos que acreditam em uma “ditabranda” no país:

E definiu uma pauta para que o Brasil possa se tornar um estado democrático de direito, em que se respeitem os direitos de cidadania, a começar pelos direitos humanos. E sobre a nossa história recente, ele, Luís Cláudio Cunha descreve em uma síntese estatística:

O Brasil da ditadura era um país assustado, acuado, abafado, apequenado.

A prepotência não permitia perguntas para números sem resposta: 500 mil cidadãos investigados pelos órgãos de segurança; 200 mil detidos por suspeita de subversão; 50 mil presos só entre março e agosto de 1964; 11 mil acusados nos inquéritos das Auditorias Militares, 5 mil deles condenados, 1.792 dos quais por 'crimes políticos' catalogados na Lei de Segurança Nacional; 10 mil torturados apenas na sede paulista do DOI-CODI; 6 mil apelações ao Superior Tribunal Militar (STM), que teve as condenações em 2 mil casos; 10 mil brasileiros exilados ; 4.862 mandatos cassados, com suspensão dos direitos políticos, de presidentes a governadores, de senadores a deputados federais e estaduais, de prefeitos a vereadores; 1.148 funcionários públicos aposentados ou demitidos; 1.312 militares reformados; 1.202 sindicatos sob intervenção; 245 estudantes expulsos das universidades pelo Decreto 477 que proíbe associação e manifestação; 128 brasileiros e 2 estrangeiros banidos; 4 condenados à morte (sentenças depois comutadas para prisão perpétua); 707 processos políticos instaurados na Justiça Militar; 49 juízes expurgados; 3 ministros do Supremo afastados, o Congresso Nacional fechado por três vezes; 7 Assembléias estaduais postas em recesso; censura prévia à imprensa e às artes; 400 mortos pela repressão; 144 deles desaparecidos até hoje.

Conto e lembro porque isso precisa sempre ser recontado e lembrado, para que ninguém duvide que a ditadura não foi branda, nem breve. Todos e cada um desta longa contabilidade de violência

encerravam um universo de dor, de que amesquinhava um país e um povo. (CUNHA, 2011, 6).

Beatriz Kushnir, autora da tese *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*, obra fundamental para o conhecimento das relações entre a ditadura e o jornalismo no Brasil, lembra a importância de lembrar e perguntar, quando avalia matérias publicadas nos 50 anos do golpe de 1964:

Nesse momento de ponderações sobre os 50 anos do golpe, recordo-me que, quando dos 30 anos do AI-5, o jornalista Jânio de Freitas publicou na Folha de S. Paulo uma advertência não cumprida por seus pares, inclusive agora, nas reflexões dos periódicos aos 50 anos do golpe civil-militar de 1964. (...) Freitas lembrava em 1998 que “a imprensa, embora uma ou outra discordância eventual, mais do que aceitou o regime: foi uma arma essencial da ditadura. Naqueles tempos, e desde 64, o Jornal do Brasil [...] foi o grande propagandista das políticas do regime, das figuras marcantes do regime, dos êxitos verdadeiros ou falsos do regime. (...) Os arquivos guardam coisas hoje inacreditáveis, pelo teor e pela autoria, já que se tornar herói antiditadura tem dependido só de se passar por tal”. (KUSCHNIR, 2014)

Perguntar, registrar e divulgar as descobertas, portanto, são atos fundamentais para fazer as pessoas falarem. Também é preciso perguntar para localizar as respostas nos documentos arquivados sobre o passado, lembra a historiadora Kushnir.

Quanto aos jornalistas, é importante examinar em que consiste o seu trabalho e como se preparar para executá-lo.

3. Caminhos preparatórios para a profissão

O escritor, romancista e jornalista, Gabriel García Márquez foi um dos incentivadores para a educação permanente de jornalistas. Ele afirmou que o jornalismo era a melhor profissão do mundo, e em discurso na reunião em 1996 da SIP (Sociedade Interamericana da Imprensa) definiu a importância de cuidar da formação de novos profissionais. Na juventude dele, Márquez recorda que os jornalistas mais experientes cuidavam dos jovens, trocavam idéias, comentavam trabalhos, nas redações e nas tertúlias nos bares. Destacou que mais recentemente criaram-se escolas de comunicação, e o ensino ganhou uma organização acadêmica, na avaliação do escritor insuficiente para a vida de jornalista. Ele constatou que os jovens que conheceu apresentavam lacunas para enfrentar o mundo do

trabalho. Observa que todos ganhariam se pudessem incorporar os conhecimentos de experientes profissionais ao desenvolvimento de grupos de jornalistas jovens.

A idéia de Garcia Márquez se materializou, ele obteve apoios de empresários e colegas para a FNPI (Fundación para el Nuevo Periodismo Iberoamericano) nascida para impulsionar o desenvolvimento do jornalismo com sede na Colombia. Realizam até hoje um magnífico trabalho de incentivo e de apoio aos jornalistas ibero-americanos, com destaque para os que lutam pelos valores da ética, da liberdade de imprensa e da cidadania, continuando o projeto de Márquez, falecido em 2014. Jaime Banfi é o atual presidente da agora FNPI (Fundación Gabriel Garcia Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano) entidade que completou 21 anos e publicou o balanço de suas atividades em livro e no site (BANFI, 2017). Comprova-se a realização do sonho de Garcia Márquez em agregar experimentados jornalistas e novos profissionais em profícuas reuniões de trabalho e aprendizagem.

Atualmente, cursos para a formação de jornalistas são ministrados em conceituadas universidades do mundo. As transformações tecnológicas e culturais exigiram que as escolas de comunicação e formação de jornalistas atualizassem seus currículos e programas de ensino. Por sua vez, as empresas mais avançadas no campo da produção de informações jornalísticas estabeleceram parcerias com universidades para estudar e formar novos quadros para a área de comunicação.

Também vemos pessoas preocupadas em estudar e praticar jornalismo, pessoas ligadas aos setores populares. Como o repórter Artur Voltolini, do Favela 247, que ao entrevistar o jornalista Jânio de Freitas, em 2014, ouviu críticas ao jornalismo praticado no país e pediu-lhe orientação:

-- Qual dica o senhor dá para um jovem jornalista de favela?

-- Eu só diria a ele: Vá em frente. Descubra o seu mundo e descubra o seu jornalismo. Leia criticamente jornais. E ler livro é fundamental. Ter noção de história é muito enriquecedor. Ler autores críticos é muito importante. Leia, leia, leia e leia. O que pintar na frente, leia.

E depois você faz a seleção do tipo de coisa que mais te interessa, e vá em frente. Faça o seu jornalismo. E veja o que nele tem melhorado, o que não tem melhorado.

auto-aprendizado em jornalismo é muito importante. Rer e analisar o que você fez. Ouvir o que alguém possa dizer a respeito do que você escreveu. Isso nos orienta. (FREITAS, 2014)

Observamos que não existe um único caminho para formar jornalistas. Ele pode ser um autodidata. Mas sempre que possível busca formação teórica e técnica em universidades e em centros organizados para complementar a sua formação acadêmica com a prática profissional e aprofundar seus conhecimentos em diferentes áreas. E constatamos que a formação do jornalista hoje deve ser uma educação permanente. O jornalista é desafiado a usar suas informações ao fazer perguntas e interpretar as respostas.

4. Ação fundamental do jornalismo

Em um mundo de diversidade de interesses de pessoas e instituições que se confrontam, e muitas vezes lutam para eliminar seus antagonistas, qual é a ação fundamental do jornalismo?

Recorremos a Mário Magalhães, jornalista inatacável na qualidade do seu trabalho, no preciso comentário que faz de uma frase de Millôr Fernandes: “Jornalismo é oposição; o resto é armazém de secos e molhados”. Destaca que Millôr Fernandes (1923-2012) “não propunha tratar com espírito crítico um flanco, e servir de porta-voz a outro.”

A profissão de fé é grande ao estabelecer que aos jornalistas cabe exercer o espírito crítico e fiscalizar o poder, e não amplificar acriticamente versões e ideias alheias, muito menos se prestar a bajulador.

(...) Millôr não se referia a oposição só a uns, como se a outros o dever fosse o de promoção. Oposição, no sentido de fiscalizar jornalisticamente, é a atitude recomendada em relação a todos os poderes, não somente a parte deles.

Não é possível reivindicar Millôr praticando o rigor informativo aqui e rastejando feito adúlador acolá. Ou se fiscaliza com idêntica disposição presidente, governador e prefeito, empresa pública e empresa privada, instituições e gente simpáticas e antipáticas, ou não se aplica o enunciado do velho garoto do Méier. (MAGALHÃES, 2015)

A prática de trabalho do jornalista e professor de jornalismo Aloysio Biondi seguia o princípio de informar o leitor. E explicitava como muitos jornalistas eram complacentes com suas fontes:

ISSN 2175-6945

Eu sempre discuti a necessidade de independência do jornalista. É verdade que antes havia também os jornalistas que usavam o argumento da ditadura para se acomodar e não polemizar nada.

Na realidade, o espaço para brigar, embora restrito, ainda era maior do que os jornalistas costumavam dizer. Eu briguei a vida inteira. Hoje eu tenho pena de vocês. (BIONDI, 1999)

Marcio Venciguerra, que entrevistou Aloysio Biondi, registrou os embates do jornalista com suas fontes no poder:

Nos tempos do milagre, o ministro Delfim Netto pedia aos patrões a cabeça de Aloysio Biondi. Quando os tempos estavam para mudar, em 84, foi a vez de economistas ligados à professora Maria da Conceição Tavares pedirem a Otávio Frias sua demissão da função de editor de Economia da Folha, segundo Biondi relata.

No fim do governo Figueiredo, era considerado antidemocrático dizer que a situação poderia melhorar, pois, alegava-se, isso beneficiaria a política econômica de Delfim, Biondi escreveu um artigo dizendo que a economia americana estava se recuperando desde o ano anterior. O que seria bom para os produtos brasileiros.

Nesse meio-tempo, os economistas do PMDB estavam dizendo que não tinha mais jeito, que viria uma crise sem precedentes. Um eventual saldo positivo na balança comercial seria devido à queda nas importações e não ao aumento das exportações.

Biondi reclama que seus antigos aliados de resistência à ditadura, quando ocorreu a distensão, iam ao patrão pedir sua cabeça, falar que ele estava louco e tinha sido cooptado. (BIONDI, 1999)

A possibilidade de o jornalista fazer oposição a manipulações das fontes de poder e apresentar as informações por ele julgadas corretas para os seus leitores acontecia no tempo em que predominava o jornalismo impresso. Isso ainda pode ter continuidade hoje?

5. Tecnologias mudam e jornalismo se transforma para investigar e informar

Ao perceber que houve uma transformação total na indústria da informação o jornalista e executivo da mídia, Paul Steiger, decidiu enfrentar o desafio das mudanças tecnológicas na sociedade. Sua síntese sobre os poderosos: “Os poderes escondem o mal cada vez melhor”.

Para sua entrevistadora, Ana Carbajosa, ele constata que a mídia tradicional não consegue ver tudo. Hoje é preciso haver mais investigação porque as pessoas poderosas e as

instituições se tornaram mais sofisticados, com o uso das relações públicas, do marketing e da propaganda para ocultar os maus atos ao público.

Ao ser aposentado da direção do Wall Street Journal, Steiger fundou o Pro Pública, em 2007, com investimentos dos Sandler, um casal amigo, que acreditou no projeto de uma empresa de investigação jornalística sem fins lucrativos, empenhada em defender o interesse público e em desvendar os abusos do poder. Em março de 2016, Pro Publica tinha ganho dois Pulitzer – um deles, o primeiro da história para uma mídia digital – são um reflexo do profundo impacto do invento.

Baseado em seu próprio exemplo de usuário, Steiger ve hoje o jornalismo trabalhando com multiplataformas, simultaneamente. Antes jornais distribuía informações. Agora, há distribuição da informação via jornais, via rádio, via televisão. Atualmente a informação se difunde via computadores, via telefones celulares e outros formatos possíveis.

O poder da mídia antes era maior, um editor podia vetar a circulação de fatos e personagens. Como ele mesmo lembra que o fez. Ele pondera:

Antes precisavam de dezenas de milhares de dólares em jornais e televisões se quisessem que sua voz fosse ouvida. Agora, você só precisa de um computador e você mesmo pode se transformar em um meio de comunicação. Os Donalds se gravam, se tuitam e chegam a muitos lugares, e acredito que isso seja bom. Na América acreditamos em que as pessoas digam o que quiserem. Ele pode expressar-se com tal mau gosto que seria capaz de destroçar qualquer outro candidato, mas, como se esperam essas coisas dele, não têm consequências, pelo contrário. Isso significa que o poder da mídia diminuiu? Sim. (STEIGER, 1916)

Steiger observa que a fragmentação permitirá a coexistência entre os vários órgãos. Os que publicam informação coexistirão com os veículos muito partidários, e os consumidores terão de ter muito cuidado com o que leem e com aquilo em que acreditam.

Interrogado sobre o financiamento do trabalho dos jornalistas, problema que não atinge o Pro Publica, Steiger enumerou possibilidades: as fundações sem fins lucrativos, a recuperação da publicidade na internet, sobrevivência com assinaturas digitais e outros procedimentos. Prevê redução de veículos, dificuldades sim, mas é a combinação de fórmulas que permitirá financiar o jornalismo de investigação.

E como sobrevive a Pro Publica? Ela usa as redes sociais, tem dinheiro para financiar suas investigações, e conta com uma boa equipe de jornalistas e advogados. Ele explica:

ISSN 2175-6945

Conteúdo e inventário [publicitário] são as duas palavras de ordem. A rede fornece uma grande variedade de opiniões, algumas delas muito valiosas, mas isso é diferente da publicação de dados, isto é, quando alguém descobre algo. Se você quer fazer algo como a matéria das enfermeiras, ou como a do doping que fizemos com a BBC, ou como a que fez agora a BuzzFeed sobre as partidas de tênis com resultados manipulados – também com a BBC –, precisa de uma boa equipe de jornalistas e advogados. O risco para um indivíduo que tentasse fazer algo semelhante seria excessivo. As redes sociais não são suficientes, investigar custa dinheiro. É verdade, no entanto, que para o ProPublica as redes foram fundamentais para nossa expansão, especialmente o Twitter. (STEIGER, 2016)

Com os conhecimentos disponíveis, jornalistas não conseguiram evitar crises sociais, não conseguiram explicar a crise econômica de 2007-2008, às vezes revelam fatos espantosos sobre o mundo dos terrorismos e das torturas e nada muda no dia seguinte, observou Steiger. Mas por que então, devemos insistir no jornalismo? Porque, responde ele, o jornalismo contribui para que a parcela da sociedade voltada para a prática do mal seja intimidada, o malfeitor deve saber que o seu ato poderá ser revelado em uma investigação jornalística.

6. Jornalismo e a permanência do estado democrático

Há razões que extrapolam ao jornalismo ao lutarmos pela preservação dos princípios de trabalho que orientam o jornalismo, como tradicional atividade para preservar valores como liberdade e organização de um estado democrático. A história da imprensa, em países como Estados Unidos, França e Brasil, demonstra a relação entre possibilidades de governos democráticos existirem e o trabalho dos jornalistas.

A jornalista e co-fundadora do jornal espanhol El PAÍS, Soledad Gallego-Díaz conclamou seus colegas, “Si te van a matar, no te suicides”, em palestra para uma platéia de jornalistas e da direção do diário, no momento de intensos debates sobre os rumos do jornalismo e dos negócios da empresa, em março de 2012. Alguns meses depois, em outubro, 130 profissionais experientes -- 1/3 da equipe -- foram despedidos do jornal El PAÍS.

Gallego-Díaz, então há 26 anos na empresa, reconhece a alteração do modelo de negócios, que transformou a empresa jornalística em empresa de comunicação, e se investigarmos em

empresa de telecomunicação. Consequentemente mudaram as formas de trabalhar, que ameaçam destruir conceitos inamovíveis até então, lembra.

Ela destaca que existem valores inegociáveis no jornalismo. São as práticas que pertencem ao jornalismo, como profissão fundamental do estado democrático e que não podem ser destruídos. E lembra que o descrédito sobre o papel da imprensa é acompanhado pelo descrédito à democracia.

Gallego-Díaz constata que vivemos em um momento revolucionário, com mudanças tecnológicas e profundos desafios para as empresas voltadas para o jornalismo. E que os jornalistas devem assumir os aspectos positivos das tecnologias.

Como trabalhar? Não, jornalismo não é divulgar versões. Ela destaca: “De puro medo da morte dos periódicos, os jornalistas terminarão por dar um tiro no jornalismo.” Isto é comunicação: a pior maneira de se suicidar é limitar-se a divulgar distintas versões sobre o que aconteceu. (GALLEGO-DÍAZ, 2012)

Então o que é jornalismo? “Jornalismo é indagar e buscar a verdade.”, diz Gallego-Díaz. É investigar fatos, acontecimentos que tenham interesse público e fazê-lo respeitando algumas regras.

O que é de Interesse público? A referência é o Código de Prática da “Press Complain Comission” do Reino Unido. Dentre outros itens ele menciona: “É detectar ou expor delitos e graves transgressões. É detectar ou expor uma séria conduta anti-social. É proteger a segurança e a saúde pública. É evitar que cidadãos sejam confundidos, pelas declarações e pelos atos de um indivíduo.” (GALLEGO-DÍAZ, 2012)

Em defesa do interesse público, a informação de interesse público enfrenta o medo. ‘Que esta não é uma profissão para cínicos’, diz ela, citando Kapuzcinski. Gallego-Díaz menciona o documento dos jornalistas guatemaltecos, um dos mais ameaçados no mundo: ‘Foi difícil para os jornalistas perder o medo diante dos poderosos. Mas, para que serve o jornalismo, se não é para que o resto da sociedade tenha a informação para enfrentar esses medos?’. (GALLEGO-DÍAZ, 2012)

Informação de qualidade depende sempre dos jornalistas investigativos. É importante para a sociedade o trabalho com jornalismo investigativo, que exige contexto, credibilidade,

testemunho, verificação. Soledad Gallego-Díaz conclui: “Todas essas técnicas exigem algum tempo e em nenhuma circunstância devemos abandoná-las. Devemos ter clareza sobre este ponto. Se as abandonamos, nos suicidamos.” (GALLEGO-DÍAZ, 2012)

7. Conclusões

Este trabalho confirma a importância do conhecimento da história dos jornalistas para compreendermos a importância do jornalismo na construção e manutenção da democracia. Aprendemos com os jornalistas: valores, técnicas, ética, as relações entre a prática do jornalismo e a prática da democracia em um estado de direito.

Conforme nos lembra V. Gentili (Democracia de Massas, 2005), o jornalismo deve explicar o que acontece no mundo e pautar o seu critério de escolha do que noticiar pelo interesse público. E advoga o direito à informação como pré-condição para o exercício da cidadania por todos os usuários dos meios de informação. Gentili explicita que cidadania é uma questão de matriz liberal. Discutir cidadania sem entender claramente o homem como um ser autônomo, livre, portador de direitos, implica omitir um aspecto essencial da questão da cidadania. O pressuposto do cidadão é de um ser emancipado, livre, capaz de julgar, tomar decisões, fazer escolhas. Em uma construção de uma democracia de massas, há que reconhecer os direitos do cidadão. (GENTILLI, 2005, pp. 89-110)

E o jornalista, como agente de informação para a cidadania deve trabalhar com independência, conforme destacou Aloysio Biondi:

Eu sempre discuti a necessidade de independência do jornalista. É verdade que antes havia também os jornalistas que usavam o argumento da ditadura para se acomodar e não polemizar nada. Na realidade, o espaço para brigar, embora restrito, ainda era maior do que os jornalistas costumavam dizer. Eu briguei a vida inteira. (BIONDI, 1999)

Ao pesquisar a história recente, vimos jornalistas em todas as categorias de brasileiros, desde os apoiadores ativos do regime de exceção até os que foram implacavelmente reprimidos por ele.

E constatamos que não bastava o destemor para trabalhar bem. Era necessário ter competência para ser um jornalista na ditadura, como também hoje se exige: ter uma série de habilidades técnicas, princípios éticos e capacidade para analisar a conjuntura histórica

para saber o que fazer. São poucos os detentores e detentoras dessas qualificações. O desenvolvimento do estado democrático de direitos também depende do trabalho deles e delas.

Referências bibliográficas

BANFI, Jaime Abello. **Epílogo del libro Y pensar que todo estaba en nuestra imaginación**: dos décadas de la FNPI 28/03/2017. Disponível em <http://www.fnpi.org/es/fnpi/y-pensar-que-todo-estaba-en-nuestra-imaginaci%C3%B3n-dos-d%C3%A9cadas-de-la-fnpi> . Acesso em 22/04/2017.

BELLANGER, Claude; Jacques Godechot & Pierre Guiral (org.). **Histoire Générale de la Presse Française**. Paris : P.U.F., 5 vol.

BIONDI, Aloysio. “**Eu nunca fui militante**”,. Depoimento a Márcio Venciguerra, in: Márcio Venciguerra. Livro Perfis de Jornalistas. São Paulo: [s. ed.], 1999. Disponível em: <http://www.aloybiondi.com.br/spip.php?article75> Última consulta em 12/04/2017.

BRUM, Eliane. **Aos que defendem a volta da ditadura**. Publicado em **EL PAÍS Brasil**. 8 /12/2014. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/08/opinion/1418042130_286849.html Última consulta em 18/04/2017.

CUNHA, Luiz Cláudio. “**Todos temos que lembrar**”, [Discurso proferido na cerimônia de diplomação de notório saber, agraciado com o título de doutor honoris causa pela UNB (Universidade de Brasília)], em 09/05/2011, pp.1-18. Ver em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/todos-temos-que-lembrar>, Último acesso em 22 /03/2017.

EMERY, Edwin. **História da Imprensa nos Estados Unidos**. Rio: Lidador, 1965.

FREITAS, Jânio de. **Jânio de Freitas fala sobre UPPs, eleições e (mau) jornalismo**. Entrevista a Artur Voltolini, Favela 247, 20/05/2014, Disponível em <http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/140508>. Último acesso em 17/04/2017.

GALLEGO-DIÁZ, Solledad. “**Si te van a matar, no te suicides**”, apresentado na abertura do 26º curso da Escuela de Periodismo EL PAÍS, em 15/03/2012. Disponível em http://elpais.com/elpais/2012/03/15/opinion/1331836802_010235.html . Última consulta em 17/04/2017.

GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel. **A melhor profissão do mundo**. Observatório da Imprensa, n.o. 8, em 20/10/1996. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed8_a_melhor_profissao_do_mundo. Último acesso em 01/03 2015.

GENTILLI, Victor Israel. **Democracia de Massas: jornalismo e cidadania**. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

ISSN 2175-6945

KNIGHTLEY, Phillip. **A Primeira Vítima** (o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã). Trad. Sônia Coutinho, Rio: Nova Fronteira, 1978.

KUSHNIR, Beatriz. **A grande imprensa apoiou o golpe e a ditadura.** (artigo). Carta Capital *online*, 31/03/2014. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-grande-imprensa-apoiou-o-golpe-e-a-ditadura-e-nao-teve-papel-relevante-para-o-fim-do-regime-1979.html> . Último acesso 19/04/2017.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda. Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MAGALHÃES, Mário. **Jornalismo, oposição e secos & molhados: um pitaco sobre a lei de Millôr.** Publicado em 12/03/2015. Disponível em <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2015/03/12/jornalismo-oposicao-e-secos-molhados-um-pitaco-sobre-a-lei-de-millor/> . Última consulta em 15/04/ 2017.

SETTI, Ricardo A. **Boas histórias, bastidores e opinião independente. Guerra, traições, mentiras, coragem, heroísmo.** Um livro espetacular, que você não pode deixar de ler. Blog de Ricardo A. Setti, Veja *online*, em 15/11/2010. Disponível em <http://sucramrjster.blogspot.com.br/2010/11/guerra-traicoes-mentiras-coragem.html>. Último acesso em 19/04/2017.

STEIGER, Paul E. **“Os poderes escondem o mal cada vez melhor”.** Entrevista a Ana Carbajosa, no EL PAÍS INTERNACIONAL, em 6/03/ 2016 . Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/03/internacional/1457024894_455179.html. Última consulta em 13/04/2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**, 1ª edição, Rio de Janeiro: Civilização,1966.

